

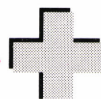
PROVÍNCIA PORTUGUESA DA SOCIEDADE SALESIANA
Rua Saraiva de Carvalho, 275
1300 Lisboa



No sábado, 13 de Maio de 1989, às 4.30 h., no Hospital de
Santa Cruz, em Carnaxide (Lisboa), falecia

PADRE MANUEL JÚLIO DE BASTOS PINHO

23/10/1926 — 13/5/1989



Era o dia 13 de Maio! A Virgem Santíssima, de quem ele foi devotado filho - de facto, tendo entrado na Congregação já com 17 anos, fazia parte do grupo a que se costumava chamar «Filhos de Maria» - apresentava-o ao seu Divino Filho, satisfazendo-lhe um dos mais ardentes desejos: além de ser Sábado, era também a festa de Nossa Senhora de Fátima, o título mariano mais grato ao coração católico de Portugal.

A prolongada e dolorosa doença que o levava à morte acabava de se transformar em prémio de vida eterna!

Acompanharam-no desveladamente na última fase de doença as suas Irmãs Francelina e Florinda, ambas Filhas de Maria Auxiliadora, o seu irmão Padre Maurício, Ecónomo Provincial, e os Salesianos desta Casa D. Bosco.

O seu corpo foi trasladado no dia 15, do Hospital para a Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, nas Oficinas de S. José. Ali teve solenes exéquias, presididas pelo seu amigo, D. Augusto César Alves da Silva, Bispo de Portalegre e Castelo Branco, acompanhado pelo Provincial, duas dezenas de Sacerdotes, membros da Família Salesiana e muitos amigos, bem como alguns antigos salesianos que com ele conviveram.

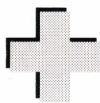
No dia seguinte, o funeral partiu para a sua terra natal, Pardilhó, Estarreja. Após a celebração de solenes exéquias sob a presidência de D. Francisco Nunes Gabriel, Bispo Resignatário de Quelimane, com representação do Bispo da Diocese, na pessoa do Vigário-Geral, o Padre Manuel ficou sepultado no cemitério local, junto de seus pais e familiares.

O muito carinho que dele recebemos ao longo da sua vida e a pena de assistirmos, impotentes, ao avançar da doença, motiva os sentimentos com que escrevemos esta carta em sua memória e que desejaríamos registasse a riqueza de uma vida toda entregue ao senhor na Congregação, de modo radical e inequívoco.

Os passos do homem

Manuel Júlio de Bastos Pinho nasceu no lar de Ildefonso de Pinho e Glória de Bastos, que sempre se distinguiram pela piedade, honestidade, interesse pelos necessitados, espírito de trabalho e altruísmo. Dos seus oito filhos, dois morreram crianças, e dos outros, tiveram a generosidade de encaminhar quatro para a vida religiosa: duas Filhas de Maria Auxiliadora, e dois Salesianos.

Nasceu a 23 de Outubro de 1926, na freguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja, do Distrito e Diocese de Aveiro. O Baptismo



ocorreu a 7 de Novembro de 26, na Igreja Paroquial. Aí recebeu também o sacramento do crisma, aos 16 de Novembro de 1941, das mãos de D. João Evangelista Lima Vidal, Arcebispo-Bispo de Aveiro. Viveu no lar paterno, exercendo as virtudes ali aprendidas, até aos desassete anos, altura em que ingressou no Seminário Salesiano de Mogofores. Era o dia 20 de Setembro de 1934. No seguimento de uma vocação que tinha desabrochado durante a sua militância na Acção Católica, o seu grande desejo era consagrar a sua vida à educação da juventude.

Em 1945/46 fez o quarto e último ano de aspirantado, no Seminário de Poiares da Régua, voltando, logo no ano seguinte, a Mogofores para o ano de noviciado. Foi seu Mestre o grande missionário de Timor, Padre Afonso Nácher, oriundo da Inspectoria de Valência, na Espanha.

Recebeu a batina a 1 de Dezembro de 1946, das mãos do mesmo Bispo que o crismara, D. João Evangelista, grande amigo dos salesianos.

Fez a primeira profissão em Mogofores, a 24 de Setembro de 1947, presidindo à cerimónia o Padre Hermenegildo Carrá, então Provincial.

Cursou filosofia no Estoril, secção que funcionava ao lado da nova escola que ia surgindo do dinamismo do Padre Bartolomeu Valentini.

O tirocínio ocupou três anos da sua vida: Vila do Conde (1949/50) e Mogofores (1950/51), como professor e assistente; e nesta mesma casa (1951/52), como assistente dos noviços.

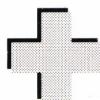
Após o tirocínio inicia o curso teológico, primeiro em Barcelona (1952/53) e depois na Inglaterra (Beckford, 1953/54; e Melchet Court, 1954/56).

Foi ordenado sacerdote no Estoril, juntamente com os seus nove companheiros, a 8 de Julho de 1956, sendo Bispo ordenante D. Manuel dos Santos Rocha, Arcebispo de Mitilene e Vigário-Geral do Patriarcado de Lisboa.

Logo a seguir atendendo à sua habilidade manual, o Provincial, Padre Agenor Vieira Pontes (1949/56), enviou-o um ano para a Bélgica, para a Escola Salesiana de Tournai, com a finalidade de aprender mecânica e acompanhar alguns aspirantes coadjutores portugueses (1956/57).

Regressou a Portugal e foi nomeado Ecónomo, Vigário e Professor do Seminário de Mogofores (1957/60) pelo Provincial, Padre Armando da Costa Monteiro (1956/64).

Em 1960 foi nomeado Director (1960/62) do Colégio Salesiano de Pangim, Goa, com um aspirantado anexo. Dali regressou ao continente no seguimento da transferência da soberania de Goa para a União Indiana.



É então nomeado Mestre de Noviços, cargo que exerceu em Manique durante três anos (1962/65).

Seguidamente, na mesma casa, deixa o cargo de Mestre e passa a exercer o de Ecónomo da Comunidade dos estudantes de filosofia (1965/66).

No ano seguinte (1966/67) ocupa o honroso e espinhoso cargo de Director das Oficinas de S. José de Lisboa, tendo simultaneamente sido nomeado conselheiro provincial.

Um ano depois, porém, é-lhe pedido novo sacrifício: dirigir o Instituto Mousinho de Albuquerque, na Namaacha, Obra de assistência do Governo de Moçambique (1967/69).

Aqui o vem surpreender a sua nomeação para Superior desta Província Salesiana. Sucedeu ao Padre Benedito Bernardino Nunes (1964/69), tendo iniciado o seu mandato a 20/9/1969. Este é um período importante da vida do Padre Júlio. O Concílio Vaticano II exigia coragem, determinação e abertura. Esses agitados anos coincidiram também com a pré-revolução de 25 de Abril de 1974. Hoje, e reflectindo sobre esse tempo, podemos dizer, com toda a verdade, que o Padre Júlio esteve à altura dos acontecimentos. Quem ler as actas das «visitas canónicas» pode verificar sem dificuldade a atenção deste salesiano aos acontecimentos, às pessoas, aos projectos. A sua abertura às ideias portadoras de novidade era exercida com todo o sentido prático e delicada prudência. E as pessoas que o conheciam melhor, sabiam bem que, sob as aparências de calma e humildade, pulsava o coração de um homem dinâmico, aberto, experimentado, tenaz, qualidades que se impõem a homens de governo em tempos difíceis.

Permitimo-nos transcrever aqui alguns editoriais de publicações do tempo. O semanário escolar do Estoril, JOVENS, a 24 de Abril de 1970, ao apresentar o novo Provincial dos Salesianos, na sua primeira «visita canónica» àquela casa, dizia: «dotado de grande espírito de abertura e de diálogo, aliado a uma inteligência intuitiva e prática, nele confia a Congregação Salesiana nesta hora de revisão e novos rumos, frente a uma juventude que é preciso dirigir para Cristo».

O «DIÁRIO», de Lourenço Marques (Maputo), de Setembro de 1969, refere-se ao novo Provincial com estas palavras: «O dinamismo juvenil e o sentido largo da sua orientação fazem do Padre Bastos Pinho um dos mestres da educação mais experimentados e profundamente sapientes do Método Preventivo de S. João Bosco, que tão bons serviços vem prestando no mundo à formação humana e cristã da juventude. Nas altas funções que acaba de ser investido, alargam-se as suas possibilidades de acção, e a sua sólida e diversificada experiência do Ultramar cria a esperança de que a obra que vai realizar continuará ao serviço da gente moça em todas as regiões de Portugal onde existem obras Salesianas».



E o Boletim Salesiano, de Outubro de 1969, também afirmava: «Sucede no cargo de Provincial ao Reverendo Padre Benedito Bernardino Nunes, em tempos difíceis, em que mais do que nunca o governar não é fácil. a sua já prolongada experiência e uma natural atitude de serviços que lhe foi sempre peculiar são promissoras credenciais para o cargo que vem desempenhar na orientação da Obra Salesiana em Portugal».

O serviço de Provincial

Da primeira «saudação» à Família Salesiana, através do Boletim Salesiano (Set. 1970), vemos quais foram as prioridades do seu governo: «Sentimos a amargura da nossa insuficiência para as necessidades existentes. De toda a parte somos solicitados, mas a diminuição que têm acusado as fileiras salesianas reduz a nossa capacidade. Para que o espírito de bem-fazer de S. João Bosco possa continuar no mundo, é necessário que cerremos fileiras - Cooperadores, Antigos Alunos, Salesianos - numa autêntica cruzada de salvação.

No limiar do novo ano convém-nos fixar um programa concreto de acção - trabalhar na obra das vocações - tomar a peito a evangelização do nosso Ultramar, em especial Timor e Moçambique».

Só em 1974 foi possível retomar uma experiência que tinha sido interrompida havia cinco anos: o estágio de jovens candidatos à vida salesiana. Aí está um aspecto da preocupação do seu governo - a pastoral vocacional.

As missões também lhe mereceram grandes atenções e cuidados. Visitou os nossos missionários para lhes levar o calor da sua bondade e o entusiasmo da sua animação. Em 1971 esteve em Macau e Timor e em 1972 em Moçambique. Era ouvi-lo no regresso dessas visitas. As carências de pessoal e de bens angustiam-no. Mas confortava-se com o testemunho da acção heróica e cristã dos nossos irmãos missionários.

Na sua última mensagem dirigida à Família Salesiana, no limiar de 1975, o Padre Pinho ainda nos lembra o seu grande amor pelas missões (BS; Jan. 1975): «A celebração do centenário das missões deve levar-nos a uma preocupação pela transmissão da mensagem evangélica, através do nosso testemunho e da nossa colaboração na obra da evangelização. O mundo será diverso se pensarmos mais nos outros e menos em nós.

Cristo diz-nos para fazermos os nossos depósitos lá, onde não há perigo de roubos nem de desgaste pela ferrugem. E considera feito a Ele o que fizemos em favor dos mais necessitados. Que D. Bosco nos ajude a destruir em nós toda e qualquer espécie de egoísmo».



O Boletim Salesiano de Agosto-Setembro de 1975 dava a notícia no Editorial «o render da guarda», com estas palavras:

«O Provincial dos Salesianos, Padre Manuel Júlio de Bastos Pinho, acaba de terminar o seu mandato. Durante seis anos ele dirigiu os destinos da nossa Família Salesiana não como quem domina, mas como quem serve. Entre cristãos o melhor é aquele que serve. Uma palavra de gratidão de todos nós. E os votos de que continue connosco em presença amiga».

Este texto é importante porque, à hora de se fazer uma síntese, foi, de facto, o que se disse: sinal de que o que mais ficou a marcar, o que deixou mais profunda impressão, foi, sem dúvida, a nota de «serviço». E podíamos acrescentar uma outra que aparece, logo à primeira vista, a quem ler com atenção, o relato do seu curriculum. Muita mudança de local e de funções. Sem queixas, sem amargura. Sempre acolhedor, sempre em oferta. Tudo isto, por si só, representa um testamento vivo.

E assim continuou. Com a mesma humildade com que tinha aceite o serviço de Provincial, da mesma maneira saiu para outras funções.

De 1975 a 1981 exerceu o cargo de Director da Escola Salesiana de Artes e Ofícios, do Funchal. Terminado este sexénio, o Provincial, Padre José Pacheco da Silva, nomeou-o administrador das Oficinas de S. José, mas só exerceu este serviço durante um ano. É que, logo a seguir, é chamado a dirigir uma expedição missionária, com destino a Moatize, Moçambique (1983/86). Seria a sua última missão, a que se entregou totalmente. A evangelização, o acolhimento a todas as pessoas (só não dava «boleia» aos nativos quando não podia mesmo), o restauro da igreja e das instalações habitacionais dos salesianos, ocuparam-no, de alma e coração. De Moatize só regressou para viver o seu «calvário», na subida para o encontro definitivo com o Pai.

Dolorosa escalada

A doença já lá devia estar há bastante tempo. A sua constante actividade é que não o deixava perceber. No meio das suas ocupações da missão-paróquia de Moatize, ainda encontrava tempo para colaborar na administração da Diocese de Tete, facto que mereceu a admiração e o agradecimento do Bispo, D. Paulino Mandlate.

A saúde, porém, entrou em rápido declínio. começou a sentir-se muito cansado. Estávamos em Março de 86. Nessa altura veio, de Moatize, a Lisboa para tomar parte no Capítulo Provincial. Durante a sua estadia, precisamente a 14 de Maio, fez uma intervenção cirúrgica a uma hérnia inguinal, que há tempos o vinham incomodando. A intervenção parecia ter corrido bem mas a recuperação é que não aparecia



com o passar dos dias. Dores fortíssimas deixavam-no paralisado e num mar de suor.

Vários exames clínicos apresentavam resultados negativos.

Entretanto queria regressar à sua missão. Era aconselhado a não voltar já. Seria melhor permitir uma recuperação mais estável. Mas o apelo da missão era tão grande que tentou superar-se a si mesmo. Em Junho, embora ainda muito combalido, regressou a Moatize, na esperança de melhorar com o tempo. Pura ilusão.

Começa, então, o seu calvário de sofrimento atroz, alternando a esperança da cura com o desânimo do crepúsculo.

O mal agravava-se de dia para dia. O estômago rejeitava todo o alimento, não conseguia repousar em nenhuma posição. Num esforço heróico celebrava a Eucaristia sentado, levantando-se conforme podia. É que nesse período era o único sacerdote na Missão.

O Bispo de Tete viu-o em tal estado que se prontificou a acompanhá-lo a Maputo, onde chegou a 25 de Novembro de 86. Mas o Padre Pinho não pôde ficar ali. A 10 de Dezembro fomos buscá-lo ao aeroporto de Lisboa e trouxemo-lo para esta Casa Provincial. Aqui se foi revelando a sua profundidade espiritual, a sinceridade da sua piedade, o seu apreço pela vida de comunidade e a sua paciência. Cheio de dores, gemia baixinho, dia e noite sem descanso.

O seu estado agravava-se cada vez mais. A 18 de Dezembro foi internado no Hospital Egas Moniz. A 24 (noite de Natal) teve que ser transferido, de urgência, já em estado de coma para a clínica de Santa Cruz. Feitas as observações, foi, de imediato submetido à hemodiálise, acção que o havia de fazer sofrer ao longo do resto dos seus dias. Nesta altura foi declarado o verdadeiro diagnóstico do doente: Mieloma múltiplo, com desaparecimento de duas vértebras lombares... metástases nas costelas, mãos, crâneo... rins afectados...

Segundo os médicos, já nada havia a fazer. restava-lhe pouco tempo de vida: um, dois, três... na melhor das hipóteses, seis meses e um fim muito doloroso.

Depois de vários tratamentos recuperou a consciência e, tendo manifestado algumas melhoras, voltou para casa a 22 de Janeiro de 87, com a indicação de ter de fazer a hemodiálise dia sim, dia não.

Verificada esta situação, que requeria extremos cuidados e conhecimentos de enfermagem, funcionou a fraternidade. A madre Provincial das Filhas de Maria Auxiliadora «libertou» a Irmã Francelina das suas obras na comunidade de Vendas Novas para poder dedicar-se completamente à assistência do irmão. Desde essa altura nunca mais o deixou. De vez em quando era revezada pela sua outra irmã salesiana, a Florinda. É por isso que podemos relatar com pormenor esta fase da vida do querido Padre Pinho. Permitam-me que aqui deixe, por este facto o



grande reconhecimento dos Salesianos à Madre Provincial e às suas duas irmãs pela fraternidade e caridade que manifestaram.

Muitas vezes teve de ser hospitalizado para tratamentos dolorosos. Custava-lhe muito. Chegava mesmo a manifestar muita relutância.

E que dizer dos frequentes exames. Radiografias, tomografias, TAC, ecografias, análises, electrocardiogramas, esótopos, interrogatórios, punções no externo, na coluna, na crista do ilíaco.

A irmã, que o acompanhava e lhe ia perguntando: «Nel, aguentas? Como te sentes?», ele respondia: «Aguento, isto não é o pior, não te preocupes». E a certa altura: Coragem, o doente sou eu, mas parece que é a ti que está a faltar o ânimo! Tinha-se apercebido da dificuldade. Até um dos médicos se sentiu mal, tendo mesmo de se sentar à pressa. Aliás, o testemunho da irmã é eloquente: «... fiz um enorme esforço para resistir àquela perfuração e subsequente sucção».

Um caminho em direcção à meta

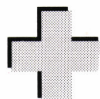
A princípio sofria tão intensamente, que só pedia a Deus que o levasse. Dizia em tom de lamento:

«Ah, Senhor, Tu enganaste-te na porta; eu não sei sofrer, eu não tenho capacidade para tanta dor, tem dó de mim». E noutra ocasião:

— «Ó meu Deus, se os meus pecados, que sabes nunca cometi por malícia, mas apenas por fragilidade, merecem um tal castigo, a tua justiça é muito rigorosa! Ó Mãe do Céu, valei-me, curai-me ou levai-me para junto de Vós, bem vedes que eu assim não posso viver. Vós não me ouvis? Eu sei que não mereço, mas Vós sois Mãe de misericórdia e de bondade. Compadecei-vos de mim, que sou um verme e não um homem... sou para aqui um monte de podridão... Onde está a alegria, o prazer que eu sentia ao falar de Vós, ao celebrar as vossas festas?! Ó Mãe, com que entusiasmo eu tecia os vossos louvores... com que boa vontade e satisfação alterava esquemas programados para aceitar pregar em vossa honra! Vós bem sabeis que foi meu propósito nunca recusar qualquer serviço para vosso louvor e glória e como fui sempre fiel. Ó Mãe do Céu valei-me, valei-me, minha querida Mãe, tende piedade deste vosso pobre filho».

É admirável a simplicidade que manifestava nos colóquios espirituais, sobretudo nos momentos de grande escuridão. E se os teve! Às vezes assustava. O seu espírito, então, torturado, suspirava, cheio de angústia:

— Ó Pai do Céu, o que é isto? Eu não entendo nada! Não tenho a que me agarrar. Para onde foram as minhas certezas? Onde está a



convicção com que pregava aos outros a teologia do sofrimento? Parece que tudo ruiu na minha vida. Ai que túnel tão escuro, aquele em que me encontro! Eu não vejo nada, eu não entendo nada, perdi o rumo. Francelina, pede ao Senhor por mim, pede-lhe que me ajude, que eu não posso mais, tenho medo de desesperar... Meu Deus, Meu Deus, eu já não tenho fé!

A irmã, que o animava, falando-lhe da sua vocação, do seu sacerdócio, de Jesus vítima, de Getsémani, da purificação através do sofrimento, da redenção..., dizia: — «Eu sabia tudo isso, Francelina, respondia. Mas agora não sei nada. Preciso que me ajudem a encontrar a luz do meu espírito. Ai, custa tanto... Meu Deus, meu Deus, que noite escura, que prisão!... Continua, continua o que estavas a dizer. Tenho necessidade de ouvir falar de coisas espirituais...».

— «Já falaste muito, dizia-lhe a irmã. Descansa agora».

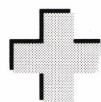
Outras vezes, então, dizia à irmã que o deixasse em silêncio, que já estava cansado.

Abandono na íngreme subida

A doença foi exercendo nele uma grande purificação. É comovente a descrição que a irmã faz acerca do abandono a que se dava em tudo o que se relacionava com tratamentos e cuidados: « Fazia chorar a alma de quem tinha conhecido a vontade, que lhe era manifestada, de não fazer servir mas antes servir os outros».

Às vezes dizia:

— «Meu Deus, fizeste mesmo o contrário do que eu sempre Te pedi. Pedia-te que me deixasses trabalhar até ao fim e dos meus dias e que eu não desse trabalho aos outros. Olha a que estado me reduziste!... Estou dependente em tudo, pior que uma criança». Depois, olhando para a irmã: Ainda bem que me deste este anjo bom que me trata com tanto carinho, se não, o que seria de mim? Ai Francelina, Francelina, quanto sofro. Sofro física, moral e espiritualmente. Tu não imaginas o que isto é. Eu também não o saberia imaginar. Certas coisas só as conhecemos com a experiência. Eu ofereci-me ao Senhor como vítima, mas nunca pensei que me ia custar tanto. E tu sofres comigo. Pede a Deus que me leve depressa e não chores a minha partida. Eu lá no Céu, vou rezar muito por ti. Sim, espero salvar-me, mas às vezes tenho medo de não estar salvo. Olha, eu não tenho medo de morrer, tenho medo da agonia. Tu não me deixes, está sempre comigo». E repetiu este pedido muitas vezes, sobretudo nos últimos momentos.



Os últimos dias

Seguimos aqui à letra, os relatos da irmã Francelina:

No último mês de vida começou a queixar-se muito duma dor que lhe dava do lado direito, que aumentava quando comia. Fizeram radiografias ao tórax e ao estômago, Os resultados foram negativos. No dia 7 de Maio de 89, primeiro dia dessa terapia, sentiu um desfalecimento mortal, mas os três dias seguintes foram dias formidáveis: embora indo à hemodiálise, passou-os tão bem, que disse: «Assim, já não me custa viver»! E começou logo a pensar no que poderia fazer para ser útil, se recuperasse as forças. Tentou deixar o carrinho, depois as canadianas, e no dia 11 de Maio foi mesmo sozinho, de elevador, do 4.º ao 6.º andar, onde se juntou à comunidade, sem qualquer amparo. Estava felicíssimo. Era o «canto do cisne», que se fez ouvir no penúltimo dia da sua existência terrena. Já tínhamos tudo preparado para o acompanhar a Fátima no dia 13, pois ele queria ir dizer a Nossa Senhora: «Ó Mãe do Céu, ou curai-me, ou levai-me». E tinha pedido que a minha oração por ele tivesse o mesmo sentido.

À noite, no quarto, apesar de dizer que estava bem, não dormia. Muito sereno, dizia-me: «Parece que Nossa Senhora está a antecipar a hora da graça. Não tenho sono, mas estou bem. Aproveita para descansar tu».

Lembrei-me de recitar a ORAÇÃO DA NOITE que a mãe nos ensinara em criança. Rezou-a com uma unção extraordinária, de mãos postas a olhar para o quadro de Nossa Senhora Auxiliadora que tinha em frente da cama. E ficamos em silêncio.

Quando, depois de meia hora, me aproximei do leito para ver como é que estava, ele continuava acordado. — Então, não dormes?! - perguntei.

— «Não tenho sono, descansa tu e não estejas preocupada, que eu hoje estou bem».

— «Mas é necessário que durmas, porque amanhã tens que te levantar cedo para a hemodiálise. Se calhar puseste-te a pensar em Moatize e por isso não dormes».

— «Olha, respondeu ele, tenho é estado a pensar no paraíso e, por mais que pense não consigo imaginar como ele é».

Às 04.30H da manhã acompanhei-o ao quarto de banho e, como era habito, fui esticar a roupa da cama, De repente, ele grita: Ai que dor, ai, ai, ajuda-me».

Levo-o a custo para a cama, já alagado em suor. Dei-lhe um análgésico mas a dor não passava. — «Leva-me depressa para o hospital, que eu não aguento. Ai que dor... Meu Deus... meu Deus... eu não aguento. Chama depressa o táxi».

O médico de serviço disse, que a seu, ver era caso para operar,



mas os colegas de cirurgia é que diriam o que havia de se fazer, quando chegassem, às 09.00H. Entretanto sendo um doente de diálise, começava já a fazê-la para adiantar.

O que aconteceu foi que ele passou todo o dia, sem comer e sem beber, em bolandas, de um lado para o outro, entre o «opera-se, não se opera», transido de dores, num mar de suor, em macas incômodas, sem poder, ao menos, trocar um pouco de posição, pedindo que o anestesiassem, que não aguentava mais. Às 17.00H sempre conseguiram arranjar-lhe uma cama na intermediária. às 18.00H decididamente optaram pela operação e às 19.00H entrava no bloco operatório. Era um caso de peritonite. Ao saber que já estavam resolvidos a operá-lo, agarra-me na mão e diz:

— «Francelina, foi profética a tua inspiração de rezar ontem aquela oração da noite. Obrigado por tudo. Foste o meu anjo bom. Pede a Nossa Senhora que me faça passar o dia 13 já no Céu com Ela. Eu vou rezar muito por ti».

Eu continuei a limpar-lhe o suor em silêncio e tomada pela comoção procurava fazer tempo para lhe responder sem lhe fazer sentir a dor imensa que me invadira o espírito, mas o tempo faltou-me, porque chegaram as enfermeiras para o preparar.

— «Nel, meu querido Nel, dizia eu no meu íntimo, enquanto ajudava, com as lágrimas a inundar-me o rosto: «Que mágoa a minha por não te poder valer!»...

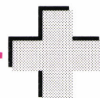
Acompanhei-o até à sala operatória. Dei-lhe um beijo. Obtive, como resposta, as suas *últimas palavras*: «Estás a beijar um pecador»!

PECADOR - A sua última palavra que os meus ouvidos captaram dos lábios daquele meu santo irmão. Sim, santo! Quanto mais estava com ele, mais sentia o aroma das suas virtudes. Tudo nele transparecia pureza, delicadeza, preocupação pelo bem dos outros, desprezo de si, amor a Deus e à Virgem, desapego de tudo, desejo do Céu.

Os dois anos e meio que com ele vivi dia e noite, permitiram-me verificar muito e entender da sua vida espiritual. Foi para mim uma experiência única na vida. Hoje, sem deixar de ser eu mesma, sou outra, bastante diferente. e espero que o desejo de me aproximar da sua santidade, opere em mim a conversão necessária para o conseguir».

Se o Padre Pinho foi grande ao longo da sua vida, foi maior ao longo da sua doença. E, ao recordarmos os seus últimos momentos, ocorrem-nos à mente aqueles belos versos do «cântico do sol» de S. Francisco de Assis, que nele tiveram perfeita realização:

Louvado seja (Deus) pelos que passaram
Os tormentos do mundo dolorosos
E, contentes, sorrindo, perdoaram:



Pela alegria dos que trabalharam,
Pela morte serena dos bondosos.
Louvado seja Deus na mãe querida,
A natureza, que fez bela e forte:
Louvado seja pela Irmã Vida,
Louvado seja pela Irmã Morte».

O perfil de uma alma

Quando soube a notícia da sua morte, o Padre Valentín de Pablo, que o precedeu no trabalho missionário de Moatize, escreveu ao Padre Provincial a manifestar o seu pesar (Madrid, 15 de Maio de 1989) e testemunhou:

«Quero expressar-lhe os meus sentidos pêsames a minha grande admiração pela sua pessoa. Foi para mim um homem «bom» e todo exemplo de amor à Congregação e entusiasmo missionário. Ultimamente foi também admirável como suportou a doença e soube descobrir o sentido dela. O exemplo destas pessoas é sempre uma chamada à nossa fidelidade e também garantia de novas vocações».

Olhando para a sua vida, poderíamos fazer do Padre Júlio o seguinte retracto.

1. Um homem de trabalho

Quando entrou para a Congregação, já sabia muito bem o valor do trabalho, no governo de uma casa e na ascese da santidade. Podíamos mesmo chamar-lhe o «homem dos sete ofícios». Nos trabalhos de carpintaria, serralharia, picheleiro, electricista, mecânico de automóveis, era muito serviçal e muito útil nos trabalhos da casa! Além disso, era exímio como professor da matemática, de línguas ou Mestre de Noviços. No seminário de Poiães da Régua, como já era adulto, era uma espécie de encarregado de limpezas, mas era muito carinhoso com os mais pequenos e ensinava-os com muito cuidado. Às vezes acabava ele mesmo por fazer as limpezas sozinho, com a finalidade de os deixar ir brincar para o pátio.

Toda a gente o podia ver a plantar e a regar árvores na casa de Manique, ajudando a transformar aquele terreno deserto, que então era, no arborizado e agradável parque que é hoje.

Era Provincial, mas não desdenhava em acudir a alguma avaria no elevador da casa, numa fechadura ou torneira, como no motor do automóvel.

Na altura que desempenhou as funções de Mestre, em Manique, escreveu ele ao Padre Provincial (Manique, 10 de Outubro de 1963): «Há por cá muito trabalho, mas não falta a boa disposição, que, estou



convencido, é o remédio número um para todos os males de que, por vezes, enfermamos».

A nota de homem trabalhador não passou despercebida aos conselheiros que tiveram de votar a sua admissão à primeira profissão ou diversos graus das ordens. Em todos os boletins aparecem observações como esta: «sacrificado no trabalho», «espírito salesiano e trabalhador», «tem sido sempre muito generoso no auxílio a esta casa e todos têm grande afecto por ele. Este salesiano será um tesouro para a Província e para a Sociedade».

2. Um homem de oração

Voltando aos mesmos boletins, também lá encontramos este testemunho: «piedade boa», «tem um excelente carácter, inteligente, piedoso, prático; é obediente e dá-se sempre bem com toda a gente».

A maior prova de piedade é, contudo, esta, segundo me parece: já no final da vida, gravemente enfermo, estava presente nas práticas de piedade da comunidade sempre que podia. E quando voltava das longas sessões de hemodiálise, às vezes noite dentro, não ia deitar-se sem antes celebrar a sagrada Eucaristia. Quem via isto comovia-se, porque reparava no sacrifício unido ao de Cristo. Uma piedade assim não podia deixar de impressionar pela sua profunda convicção.

3. O superior carinhoso e amigo

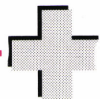
O seu constante espírito de trabalho, a firmeza das suas atitudes em relação à fidelidade do cumprimento das Regras, a sua inflexibilidade perante atitudes menos correctas da dignidade da vida religiosa, poderiam levar alguém a considerar isso como rigidez de trato em relação aos seus irmãos de quem era superior.

Mas a verdade é que o Padre Pinho era verdadeiramente humilde e serviçal. Por isso o sentíamos e apreciávamos como superior carinhoso e amigo das pessoas.

O Padre José Abbà, ao saber da sua morte, traça este retrato: «A sua recordação deixa em mim a grata imagem de um homem, salesiano e sacerdote não sofisticado e generoso, sempre pronto para tudo. Penso que quando D. Bosco dizia que com doze salesianos como o Padre Rua teria feito sabe-se lá quantas coisas, poderia ter incluído, entre eles, o Padre Júlio».

Quando foi nomeado Provincial, na carta que escreve ao cessante, anunciando a sua chegada a Lisboa (Namaacha, 8 de Setembro de 1969), diz:

— «Gostaria que a minha chegada se processasse com o máximo de simplicidade. Sentir-me-ia mal se me visse rodeado de gente. A minha missão é de serviço. Além disso, é domingo e a acção pastoral exige que cada um se mantenha no seu posto».



Se pudéssemos revelar o que vai no coração de muitos salesianos desta Província a respeito da bondade do Padre Pinho, muito teríamos que contar. Uma prova evidente relaciona-se com a presença de vários antigos salesianos nas suas exéquias, com muitos dos quais teve de assumir atitudes de alguma firmeza, mas sempre com muita caridade. As relações humanas nunca foram quebradas.

4. O homem do sofrimento

Já acima fica dito o suficiente. Bem podemos concluir que o Padre Pinho cumpriu a palavra do Apóstolo: «O cristão não sofre apenas por Cristo (2 Cor 4, 11), mas também com Ele (Rom 1, 17).

Deus associou o Padre Pinho aos sofrimentos de Cristo de forma eminente: A cruz da doença foi para ele a escada do Céu: «per crucem ad lucem».

Numa carta ao antigo missionário, Padre Valentim de Pablo (Lisboa, 10 de Outubro de 1987), deixava-nos este testemunho: «Agradeço o seu bilhete e ainda mais a sua visita - e a narração de Martin Descalzo. Tudo serviu para me encorajar. Depois da sua visita passei um mês menos dois dias no hospital, quase sem me poder mexer. Foi duro e parecia-me que a doença de Martin Descalzo era uma brincadeira quando comparada à minha. Mas não é assim. A diferença estava mais na maneira de a encarar. Neste momento sinto-me muito melhor. Já não peço a Deus a morte - coisa que fazia com frequência - porque me parece ter encontrado sentido mesmo para a minha doença. E até já estou a fazê-lo para além do oferecimento diário... No dia 13 (de Outubro de 1988) penso estar em Fátima a «carregar as baterias», pois, às vezes, o desgaste é grande e a cruz sem cireneu é difícil de carregar».

Perante este testemunho, o nosso coração não pode deixar de recordar o que diz a Escritura:

«As almas dos justos estão nas mãos de Deus e não nos toca tormento algum. Aos olhos dos insensatos parecem morrer, e o seu trespasse foi considerado como um infortúnio e a sua separação de nós, uma derrota. Mas eles gozam de paz» (Sab. 3,1-9).

Caríssimos irmãos,

é forçoso pôr ponto final nas reflexões que foram sugeridas pela vida, obra e morte do nosso querido irmão, Padre Pinho. Talvez esta carta tenha sido longa e prolixa. Mas a figura deste salesiano tem de sair para a luz do dia, para ser exemplo, testemunho, eperança para todos nós. Claro que muito fica por dizer e, sobretudo, de modo mais prático. Fique connosco o seu entranhado amor a D. Bosco e à Congregação. O seu respeito, ajuda, compreensão, bondade, caridade para com todos, em todas as circunstâncias. E como nós andamos carecidos destas manifestações! Enquanto choramos a sua morte, que dele nos



separou fisicamente, alegra-nos a certeza de que está em Deus, continuando a velar por esta nossa Província que ele tanto amou e tão bem serviu.

Fica-nos também o exemplo de fraternidade de seus irmãos, sobretudo da irmã Francelina, no dia-a-dia. Não temos nenhuma dúvida que a ultrapassagem da previsão médica quanto ao tempo de vida do Pe. Pinho, se ficou a dever principalmente aos cuidados da sua irmã. Que o senhor a recompense a ela e ao seu Instituto.

Agradecemos a Deus Pai as riquezas do mistério de Cristo, semeadas e desenvolvidas na existência terrena do nosso querido irmão e lembrando a sua memória apetece dizer, em oração:

Dai-lhe, ó Pai, a felicidade sem termo.

Que ele contemple para sempre a luz do vosso rosto,

Pois em vós sempre acreditou e esperou. Apagai da sua alma todos os vestígios da fragilidade humana.

E que a vossa misericórdia seja para ele como o orvalho da manhã.

Vós, que sois o alívio e o conforto depois da fadiga e a vida depois da morte,

Tornai-o participante da Páscoa eterna,

No vosso Reino de verdade e de vida, Reino de santidade e de graça, Reino de justiça, de amor e de paz.

Escutai a nossa prece fazei que os desejos e sacrifícios do nosso irmão, Padre Manuel Júlio, em favor do carisma de D. Bosco no mundo,

Possam florir com nova qualidade de vida e com numerosas vocações apostolicamente empenhadas.

E vós, Virgem Santíssima, Mãe de Jesus e Nossa Mãe, ajudai-nos e intercedei sempre por nós. Amen!

Com a saudosa lembrança deste nosso irmão, apresento-vos também o meu afecto de irmão de D. Bosco.

Padre David Bernardo

Provincial

DADOS PARA O NECROLÓGIO

Manuel Júlio de Bastos Pinho

Nasceu em Pardilhó (Estarreja) a 23 de Outubro de 1926. Faleceu em Lisboa a 13 de Maio de 1989, aos 62 anos de idade, 41 de profissão salesiana e 32 de sacerdócio.

Foi Provincial durante 6 anos.

